

UMA LEITURA DO MAGINÁRIO RELIGIOSO POPULAR NA FIGURA DO DEMÔNIO EM “GRANDE SERTÃO VEREDAS”

Rafael Lopez Villasenor¹

RESUMO

Este artigo procura um diálogo da figura do demônio com o imaginário popular religioso. Objetivo é fazer uma abordagem da religiosidade popular a partir da obra literária de 'Grande Sertão Veredas' de João Guimarães Rosa. Essa abordagem trabalha a tentativa de interpretação sobre a figura do demônio; de onde nasce uma observação da vida e de suas crises, problemas e perdas e uma resposta para a existência humana, ou melhor, uma possível resposta religiosa para as questões que essa vida apresenta.

Palavras-chave: demônio, diabo, Deus, perigoso, jagunço.

ABSTRACT

This article seeks a dialogue of the devil figure in the popular religion. Goal is to make an approach to popular religion from the literary work of '*Grande Sertão Veredas*' by João Guimarães Rosa. This approach works on the attempt to interpret the figure of the devil, from which comes an observation of life and its crises, problems and losses, and an answer to human existence, or rather a possible religious answer to the questions that life presents .

Keywords: demon, devil, God, dangerous, gangster.

¹ Doutor em Ciências Sociais e mestre em Ciências da Religião (PUC-SP); e-mail: rafamx@uol.com.br.

1. Introdução

Grande Sertão: Veredas (GVS), novela de João Guimarães Rosa, escrita em 1956, é um dos mais importantes livros da literatura brasileira. Romance genial de aventura, amor, mistério, traição, conflito, amizade, dor, paixão e superação. A narrativa constrói-se segundo o desejo do narrador de compreender a si e compreender a vida, sua existência. No presente texto nós mergulhamos nessa história fazendo uma leitura do imaginário popular na figura do demônio, muito presente nesta obra vasta, não só pela extensão da narrativa como também pela variedade de temas que abarca. Neste ensaio, pretendemos abordar o problema da existência, ou da não existência do diabo, levantado pelo próprio narrador e protagonista, o jagunço Riobaldo. O diabo aparece, ao longo da obra, com diversas metáforas ou imagens populares, envolvendo o bem e o mal, o amor e o ódio, sobretudo ditos e nomes populares sobre o demônio.

2. O demônio existe?

Ao longo da obra o perfil do jagunço vai se perguntando sobre a existência do demônio e vai delineado na oscilação entre o bem e mal, amor e ódio, Deus e o demônio, sonho e imaginação, fé e descrença, liberdade e interdito, vida e morte, situando-se sempre na posição fronteira que o próprio ambiente dos sertões lhe impõe (SILVA, 2008, p. 55). “Sertão é onde manda quem é forte, com astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinho de metal...” (ROSA, 2006, p. 19).

Dentro da obra *Grande sertão: veredas*, encontramos uma grande variedade de nomes populares que o demônio tem na trama, como: demo, diabo, Lúcifer, capeta, cão, cujo, bode preto, pai da mentira, satanás, entre muitas outras denominações. Esses nomes ou metáforas não seriam diversas figuras do demônio, em uma tentativa de Riobaldo classificar e dominar uma alteridade demasiado assustadora? Alteridade que não se deixa capturar num único nome, mas permanece escorregando aqui e ali sem jamais estabilizar-se, ou seria precisamente o oposto: Riobaldo, trocando insistentemente os nomes do coisa-ruim, não estaria propositalmente admitindo a existência de uma potência além de seu controle? Quem é esse “outro”, o demônio, então pois então? O demônio é uma presença recorrente em todo o livro e responsável

por movimentar boa parte de sua trama. Logo, aparece na trama a definição do demônio e a dúvida com relação a sua existência, que acompanha a narrativa inteira:

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; pois? Mas cachoeira é barraco de chão... Explicou ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que tem diabo nenhum. Nenhum! ... Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até nas crianças. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho... (ROSA, 2006, p. 10-11).

O motivo obsessivo em toda narrativa é a preocupação de Riobaldo em chegar a uma conclusão definitiva sobre a existência ou não do diabo. Entretanto, durante toda a obra, o que se vê é um movimento de ida e volta em torno dessa questão, de modo que há uma constante alternância entre a afirmação e a negação do demônio, que pode ser evidenciada na indagação de Riobaldo citada acima: “O diabo existe e não existe? Dou o dito”. Essa contradição, inerente à natureza do narrador, mostra o quão difícil é, para ele, resolver as cisões de sua identidade, especialmente no que diz respeito ao problema do demo.

Ao mirar o sertão, Guimarães Rosa atingiu o que há de mais profundo no ser humano, com sua inquietude essencial. É um mergulho no que há de mais obscuro na alma de todos nós. O demônio existe? Riobaldo vende sua alma para se tornar um guerreiro invencível e realizar sua vingança? Ele é o narrador, ex-jagunço, barranqueiro que faz um pacto com o diabo.

O senhor acredita nessa parlada, de como o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro (...) Mal que em minha vida aprontei, foi numa certa meninice em sonhos – tudo corre e chega tão ligeiro –; será que se há lume de responsabilidade? (...) Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem

que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha?
(ROSA, 2006, p. 24).

Percebemos, então, que Riobaldo tenta a todo instante negar a existência do demônio para salvar sua alma. Se o diabo está dentro do homem, não houve pacto algum; se a alma é de Deus e não pode ser vendida, como o pacto ocorreu? É disso que Riobaldo precisa se convencer. Muitas das questões da obra giram em torno desse pacto com o demônio e do amor pelo amigo Diadorim. O romance, pela narrativa de Riobaldo, segue um caminho de muitas reflexões sobre a própria vida, a vida de um sertanejo, ex-jagunço, que pode muito bem ser a reflexão sobre a vida no comum, de pessoas reais e de suas relações com a angústia e com o sofrimento, como também de suas perguntas existenciais e suas relações de fé, pelo tema “Deus e o Diabo”.

3. Viver é um negócio muito perigoso!

Riobaldo é indivíduo de identidade fragmentada e vive em permanente confronto com o mundo, com o universo que o cerca, torna-se necessário agora discutir que conflitos seriam esses, quais as principais dúvidas. Neste processo da figura mítica do diabo, acredita que “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 2006, p. 10). Em dúvida existencial, sai pelo sertão. “O que não é Deus é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver - a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.” (ROSA, 2006, p. 60). Troca as letras pelas armas. Vira jagunço; vira Tatarana; vira Urutu-Branco, chefe jagunço que não tem certeza de nada, ele sabe que “natureza da gente não cabe em nenhuma certeza”.

Riobaldo e seus companheiros jagunços, sob o comando de Zé Bebelo na travessia do Sertão no encalço dos “judas” Hermógenes e Ricardão, chegam a um local sugestivamente chamado de Veredas Mortas. É onde Riobaldo teve “limite certo”. Decide que é hora de encontrar-se com o Cujo, para provar a si mesmo que o outro não existe. Na calada da noite, afasta-se do acampamento e vai à encruzilhada. Ali, brame pelo Que-Não-Ri. Passam-se horas; nada acontece. Resolve retornar para junto dos companheiros.

O pacto nenhum – negócio não feito. A prova minha era que o Demônio mesmo sabe que não há, só por só, que carece de existência. E eu estava livre limpo de contrato de culpa, podia carregar nômina; rezo o bendito! (...) A haver a coisa que de longe me ameaçasse, feito vem-vem das nuvens de chuva. O demo, mesmo assim, podia me marcar? (ROSA, 2006, p. 469).

Este episódio provoca em Tatarana uma profunda transformação. Sente-se mais alegre, mais falante, corajoso como nunca. Toma para si a chefia do grupo, cresce em violência, até em crueldade. Passa a chamar-se Urutú-Branco, alcunha que por si só indica a presença do austero, posto que a serpente seja uma das formas do demônio. Mas se Riobaldo não viu, não escutou, não farejou o Torto, como explicar tamanha modificação? O próprio Riobaldo narrador se pergunta se vendeu a alma, se fez deveras um pacto. Urutú-Branco e seus jagunços chegam à fazenda de Seo Ornelas. Instalado à cabeceira da mesa, com o fazendeiro e sua família ao redor, Riobaldo sente-se tentado pela formosa neta do anfitrião. Se quisesse, ela seria sua por bem ou por mal. A porção demoníaca, o “complexo de Urutú”, saliva de desejo pela rapariga, mas a porção justa, o “bom senso” preservado. O verdadeiro demônio de Riobaldo é o que habita no seu interior. “Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!...” (ROSA, 2006, p. 471).

Mas minha alma tem de ser de Deus: se não, como é que ela podia ser minha? O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira... Então não sei se vendi? Digo ao senhor: meu medo é esse. Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma... Meu medo é este. A quem vendi? Medo meu 'este, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador... (ROSA, 2006, p. 485)

As perguntas ao longo da obra para o interlocutor são dirigidas a ele mesmo. Todavia, as próprias condições nas quais o pacto teria ocorrido, como ver-se-á mais na frente, impedem que Riobaldo ponha um ponto final na questão. “O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Pois se o Cujo não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe? Não será pior?... Ah, não: não declaro” (ROSA, 2006, p. 483). – a dúvida permanece “Não sou do demo e não sou de Deus!” (ROSA, 2006, p. 494). A aquisição de coragem, requisito básico para o indivíduo enfrentar os obstáculos de sua travessia.

“O diabo não há! Nenhum. É que tanto digo. Eu não vendi minha alma. Não assinei finco” (ROSA, 2006, p. 484). A certeza da inexistência do demônio desafiaria a efetividade do pacto que mantém diante da existência ou não do diabo. Riobaldo precisava de coragem, tento para enfrentar o pactário do demônio Hermógenes, encarnação do próprio mal, personificação do demônio e, assim, vingar Joca Ramiro, quanto para assumir a chefia dos jagunços.

Nós dois, e tornopio do pé-de-vento — o ró-ró girando mundo a fora , no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... O Diabo, na rua, no meio do redemunho... Ah, ri; ele não. Ah, eu, eu, eu! “Deus ou o Demo — para o jagunço Riobaldo!” A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego — da mais-força, da maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente. (ROSA, 2006, p. 421).

Se por um lado, Riobaldo decide selar o acordo com o demônio para conseguir coragem e, assim, chegar ao poder, por outro, o próprio ato de se dirigir à encruzilhada já exige coragem, que vem “do profundo mesmo da gente”. Era preciso que Riobaldo fosse “mais forte do que Ele; do que o pavor d’Ele.” Tanto é assim que, após a evocação de seu nome por Riobaldo: “Lúcifer! Satanás, dos meus Infernos!” (ROSA, 2006, p. 422), o demônio não aparece, circunstância que deixa a dúvida no ar — “Ele não existe, e não apareceu nem respondeu — que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido.” (ROSA, 2006, p. 422). Fácil entender, portanto, a dilaceração da alma de Riobaldo em torno da famosa questão: “O diabo existe e não existe?” (ROSA, 2006, p. 10). O papel principal, na cena do pacto, cabe a Riobaldo; o diabo, por si só, é um mero figurante.

“Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo ficou pé de governar tua decisão!...” (...) Mas, aquilo ruim-querer carecia de dividimento – e não tinha; o demo então era eu mesmo? Desordenei quase, de minhas idéias. Eu matava um tiquinho, só? em nome de mim eu não matava? (ROSA, 2006, p. 470)

Mas o Diabo não pactuou apenas com Riobaldo. O cruel Hermógenes era tido pelos jagunços como “pactário”. Derrotando-o, Riobaldo estaria não somente vingando Joca Ramiro, mas de certo modo vencendo o Das-Trevas. A sombra de Tatarana

projetava-se parcialmente no inimigo. O monstro a ser vencido estava fora e ao mesmo tempo dentro de si, de Riobaldo. “O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo” (ROSA, 2006, p. 40). O ódio, da coragem para continuar a perseguição contra os “judas” Hermógenes e Ricardão. Na perseguição final Riobaldo pede para que “o Hermógenes não saía com vida, maneira nenhuma, testamental. Tive ódio dele? Muitos ódios. Só não sabia por quê” (ROSA, 2006, p. 573-574)

O final mostra que Riobaldo conseguiu ser chefe, mas não conseguiu chefiar o mundo: Diadorim, seu grande amor, luta final contra o Hermógenes, numa luta mortal do bem contra o mal e culmina com a morte de ambos. Finalmente, a identidade é revelada: na verdade, Diadorim era uma mulher, o que diminuiria, e muito, os conflitos internos, que, por vezes, afastava os pensamento em Diadorim, por achar que se tratava de um homem e dessa tensão homossexual entre os jagunços Riobaldo e Diadorim. Porém ele era ela, “*Maria Deodorina da Fé Bettoncourt Martins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (ROSA, 2006, p. 604).

Após cumprir a missão de vingar a morte de Joca Ramiro, acabando com os “judas” Ricardão e Hermógenes, resta a Riobaldo seguir seu caminho, num mundo misturado, num mundo em que Bem e Mal estão disseminados nas próprias coisas e no próprio homem. No final Riobaldo hospeda-se na casa de Quelemém de Góis, compadre e confidente, que o ajuda em suas dúvidas e inquietações sobre o homem e o mundo e que conta a “história inteira (...) Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei – O senhor acha que minha alma vendi, pactário?! Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu: - Tem cisma não. Penso por diante. Comprar ou vender, às vezes, são ações que são as quase iguais...” (ROSA, 2006, p. 661). Logo encerra-se a obra de Guimarães Rosa assim:

(...) Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? O Rio de São Francisco - que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano , circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há. É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia (ROSA, 2006, p. 607-608)

O indivíduo é que irá escolher que veredas tomar na sua viagem em busca do sentido, de resposta para suas indagações, jornada infindável, pois o que se aprende mais na vida é só a fazer outras maiores perguntas. Não há, portanto, um ponto final, uma linha de chegada para esse caminhar, que se projeta para além da própria narrativa. A busca continua. Travessia.

4. Considerações finais

No começo da obra, Deus e o demônio parecem estar muito bem separados num maniqueísmo presente na realidade do sertão: “Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja” (ROSA, 2006, p. 33). Porém, logo há uma grande oposição entre Deus e o diabo, entre o bem e o mal. Em muitos casos, o bem e o mal são frutos de uma mesma fonte, ou ainda, de forma inexplicável, o bem se torna o mal e o mal se torna o bem, uma mistura total. Deus e o diabo encontram-se numa constante confusão de lugares e ações, o que leva o autor a não compreender em que dimensões expressam-se, na sua mente e no seu coração, ou um ou outro, já que ambos fazem parte da mesma realidade e, de forma confusa, habitam os mesmos lugares e os mesmos espaços da vivência humana, lugares de luta, onde “viver é um negócio muito perigoso”.

O mergulho na obra nos leva a pensar o imaginário religioso popular na figura do demônio muito presente na cultura popular religiosa. Inclusive, algumas igrejas mantêm íntima relação com imaginário popular do demônio, na prática dos exorcismos vendo o diabo ou capeta em tudo. O pastor torna-se o intermediário, na medida em que possui poderes para retirar o demônio da pessoa em nome de Deus e de ser combatido. "O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo" (ROSA, 2006, p. 60).

Referências

ARRIGUCCI, D. J. Sertão mar e rios de histórias. In BRITO, Ênio José da Costa. *Material de Carpintaria VIII*. São Paulo: Programa de estudos pós-graduados em Ciências da Religião: PUCSP, 2008. p. 5-11.

MURY, V. G. Riobaldo: um herói problemático no grande sertão. Disponível: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa3/3-vivimury.doc> Acesso 7/05/2008.

ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ROSENFELD, K. H. *Os descaminhos do demo, tradição e ruptura em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Edusp, 1993.

SILVA, F. P. L. da. Guimarães Rosa: a lição do homem provisório. In BRITO, Ênio Jose da Costa. *Material de Carpintaria VIII*, Programa de estudos pós-graduados em Ciências da Religião: PUCSP, 2008. p 51-61.

<http://www.eduquenet.net/veredas.htm> Acesso 12/05/2008